

## **Em discussão uma reformulação na estrutura da pós-graduação do País**

*Assunto foi abordado pelo pró-reitor adjunto de Pós-Graduação da USP na última sexta-feira (8/2), durante uma palestra no ICB-USP. Uma das propostas é encurtar o prazo para ingresso no doutorado.*



Está em formação um movimento que poderá mudar a estrutura dos programas de pós-graduação no País. Na última sexta-feira (8/2), durante a apresentação do Programa de Pós-Graduação de Biologia de Sistemas, o pró-reitor adjunto de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo (USP), Marcio de Castro Silva Filho, fez uma palestra mostrando o que vem sendo discutindo no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Segundo ele, comparado com os Estados Unidos e os países da Europa, o Brasil é o único que ainda mantém o mestrado acadêmico nos moldes antigos. Enquanto que nos Estados Unidos o mestrado passou a ter uma forte característica de formação profissional, na Europa esta modalidade passou a ser a etapa final da formação na graduação.

No Brasil, segundo ele, há um número elevado de alunos de mestrado, o que demanda esforço dos professores e recursos financeiros. “O problema é que as universidades com

maior qualificação não contratam mestres, portanto não é uma formação terminal. Além disso, há um número significativo de doutores sem a qualificação esperada, o que mostra que esta modalidade precisa de uma atenção especial”, ponderou.

No Brasil, o tempo médio entre o início do mestrado e o início do doutorado é de quatro anos e sete meses, sendo que apenas 2,3% dos alunos entram no doutorado com menos de 24 meses após o início do mestrado.

Uma das propostas para mudar esse quadro seria alterar a estrutura do mestrado acadêmico. “No primeiro ano, o aluno receberia bolsa, podendo migrar para o doutorado após sua conclusão. Se isso não ocorrer, ele concluiria o segundo ano de mestrado, mas sem auxílio de bolsa”, explicou. Isso diminuiria o tempo de formação na pós-graduação e otimizaria a aplicação dos recursos, buscando um doutorado de excelência.

Outro palestrante do evento, Carlos Frederico Martins Menck, professor do ICB e um dos coordenadores da área Biológicas I na Capes, apresentou dados que indicam a necessidade de uma mudança. Na avaliação da Capes, dos 1.270 programas (de todas as áreas) que oferecem apenas mestrado nenhum conseguiu obter notas 6 ou 7, sendo que apenas sete deles conseguiram nota 5. Situação similar ocorreu com os programas de mestrado profissional. Já entre os programas com doutorado (com ou sem mestrado) apenas 21% conseguiram alcançar notas 6 e 7, que indicam ser um curso de qualidade internacional.

Menck também ressaltou o acirramento da disputa por verbas, que pode ser medido pelo número de pedidos de abertura de novos programas na Capes. Em 2017 e 2018 foram 1.596 novas submissões.

### **O que vem por aí:**

Depois de apresentar dados que mostram o desempenho da pós-graduação do ICB, o professor Carlos Pelleschi Taborda, presidente da Comissão de Pós-Graduação (CPG) do Instituto, falou no evento sobre algumas das propostas da CPG para os próximos cinco anos. São elas: avaliação mais precisa das disciplinas de pós-graduação; expansão da internacionalização; estímulo à captação de orientadores; fusão de programas de pós-graduação que se complementem; estímulo à inovação e ao empreendedorismo; maior participação dos pós-graduandos nas publicações; e criação de um programa de mestrado profissional.